

André Roberto Tonussi Arnaut*

DOI: <http://doi.org/10.32334/oqmp.2018n43a642>

A primazia da contingência e a ontologia como ontoscopia

The primacy of contingency and ontology as ontoscopy

Resenha do livro:

BENSUSAN, Hilan. *Being up for grabs: on speculative anarcheology*. London: Open Humanities Press, 2016.

O filósofo brasileiro Hilan Bensusan, professor da Universidade de Brasília e autor de livros como *Excessos e exceções*, *Linhas de animismo futuro* e, com Jadson Alves de Freitas, *A diáspora da agência*, pensa, em *Being up for grabs*¹, uma filosofia especulativa no sentido de Alfred Whitehead e do movimento Realismo Especulativo², que no entanto não se limita a um desenvolvimento de tópicos internos a essas filosofias. *Being up for grabs* vai muito além do projeto especulativo de desvencilhar o pensamento da correlação de origem kantiana entre sujeito e objeto. A obra é, acima de tudo, um outro olhar sobre o que é fazer ontologia, que procura desfazer entranhadas noções herdadas da metafísica clássica. Trata-se de um daqueles livros que, ao final, fazem com que nos deparemos, em um misto de desespero e entusiasmo, com a inevitabilidade da pergunta: e se o que vínhamos fazendo até aqui estivesse profundamente equivocado?

1 Bensusan, H. *Being up for grabs: on speculative anarcheology*. London: Open Humanities Press, 2016.

2 Cf. Brassier, R. et al. *Speculative realism. Collapse*, v.3, n.1, p. 307-449, nov. 2007.

* Professor do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). E-mail: r.arnautdf@gmail.com

Recebido em: 09/09/2018. Aceito em: 31/10/2018.

De fato, quando vamos fazer ontologia, uma ideia frequente é a de que devemos começar pela discussão de algum problema. A partir dessa discussão, podemos apresentar uma solução para ele, ou então tentar dissolvê-lo em problemas mais básicos, ou ainda exorcizá-lo como falso problema. Em todos esses casos, a ideia de problema é correlata da ideia de uma solução, mesmo que seja pensada como inatingível. E a solução deve ser buscada submetendo o pensamento a princípios fixos, ou então procurando-se estabelecer quais seriam esses princípios. Quando assim procedemos, não nos atentamos aos pressupostos ontológicos das noções correlatas de problema e solução. Também é mantida inquestionada a ideia de que a ontologia deve seguir ou estabelecer princípios gerais. *Being up for grabs* apresenta-nos uma ontologia que nos permite não nos comprometermos de saída com essa tríade problema-princípios gerais-solução. Para Bensusan, soluções estão ligadas a determinações, uma vez que elas nos mostrariam que as coisas são de um jeito ou de outro. Determinações funcionam como um comando, como algo que deve ser seguido, obedecido; em suma, como uma necessidade de algum tipo. A ontologia pressuposta por procedimentos orientados a problemas é, portanto, uma ontologia da primazia do necessário, ou da arché. Questões, ao contrário de problemas, têm uma afinidade com o que não é determinado, com o que não tem poder para nos comandar para um lado ou para outro.³ Questões, aproximadas dessa maneira por Bensusan à *epoché* cética, têm portanto uma afinidade com o não necessário, com o contingente, com a an-arché. Uma ontologia que não queira comprometer-se de antemão com um mundo de determinações deve então (ao menos parcialmente, como veremos adiante) orientar-se a questões.

Mas, se uma ontologia orientada a problemas se compromete com uma primazia do necessário, uma ontologia orientada a questões não simplesmente inverteria o comprometimento, nesse caso com uma primazia do contingente? Em outras palavras, por que teríamos mais motivos para adotar essa ontologia ou invés da outra? No entanto, essa primazia do contingente só é entendida como uma simples inversão se ainda pensamos dentro dos moldes do necessário. Com efeito, o livro inteiro é um grande esforço para mostrar como a primazia do contingente deve ser especificamente pensada, desvinculada dos hábitos de pensamentos atrelados à primazia do necessário da metafísica clássica. No capítulo 1, Bensusan procura distinguir sua atenção ao contingente de outras abordagens da contingência na metafísica

3 Bensusan, H, op. cit., p. 138.

contemporânea. A primazia do necessário está presente nas noções de substância, substrato, princípios fixos e conexões necessárias. Portanto, pensar a primazia da contingência não é tomá-la como um princípio absoluto, nem como um elemento último. Trata-se, antes, de pensar a contingência como uma personagem central, de modo que para abordarmos o sensível, o concreto, é para ela que devemos olhar primeiramente. O autor vê nisso o caráter aristotélico de seu livro: assim como para Aristóteles a substância é central, embora não seja tudo o que há, para Bensusan o central é o contingente, o acidental. Dessa maneira, a posição de Bensusan difere tanto de uma visão imanente da contingência (segundo a qual tudo é contingentemente contingente, como na filosofia do processo de Bruno Latour), quanto de uma visão transcendente (segundo a qual tudo é necessariamente contingente, como no materialismo especulativo de Quentin Meillassoux). Com efeito, a primazia da contingência não a coloca como uma personagem única (ao contrário da visão transcendente), nem como uma personagem transitória (ao contrário da visão imanente). No entanto, a primazia da contingência concorda com a visão transcendente quanto a haver algo estrutural que liga o acidental e o sensível, e com a visão imanente quanto a não haver nenhum princípio geral da contingência que abarque tudo.

Bensusan segue nos mostrando que a primazia da contingência é transversal também com relação a outras distinções que poderiam levar-nos a falsas dicotomias, além daquela entre imanência e transcendência. Com respeito à distinção entre necessitismo e contingentismo de Timothy Williamson, a primazia da contingência é compatível com os dois uma vez que o contingente pode ser colocado tanto na existência (para o caso do contingentismo) quanto na concretude (para o caso do necessitismo). A primazia do contingente também se encaixa tanto em um haecceitismo quanto em um anti-haecceitismo, de acordo com a distinção feita por David Kaplan. Se as coisas não são transmundanas, como no caso do anti-haecceitismo, a contingência pode fazê-las serem o que são; por outro lado, se o haecceitismo é o caso, então as coisas são abandonadas por suas qualidades, não estão por assim dizer sob um governo, são singulares – em suma, estão ainda mais de acordo com a primazia do contingente do que o anti-haecceitismo. No último capítulo, o autor esclarece que esse caráter transmundano não deve ser pensado a partir de uma noção de mundos possíveis restrita a *uma* lógica: “Lógicas diferentes avaliam afirmações modais diferentemente. O que é impossível na lógica clássica não

o é necessariamente em lógicas paraconsistentes ou intuicionistas”.⁴ Para Bensusan, de maneira resumida, uma justificação para a restrição da noção de mundos possíveis a uma lógica encontraria a dificuldade de ter ela mesma de ser baseada em uma determinada lógica. O autor menciona seu trabalho com Alexandre Costa-Leite no desenvolvimento de um *framework* geral para gerar lógicas alternativas. Uma antilógica a uma lógica L qualquer (clássica ou não) “[...] é definida como implicando o que L não implica e não implicando o que L implica”⁵; já uma contralógica para uma lógica L com negação “[...] é definida como implicando uma negação-L do que L implica e não implicando uma negação-L do que L não implica (se L tem mais do que uma negação, ela terá mais do que uma contralógica)”.⁶ A partir dessas lógicas, temos diferentes resultados para o que é logicamente contingente, de modo que elas correspondem a classes diferentes de mundos possíveis. A coleção de mundos possíveis associada a uma lógica é chamada de galáxia, e é na topologia de galáxias, no espaço entre diferentes lógicas, que o contingente deve ser contemplado.

De fato, o autor nos informa que a estratégia do livro é parar de considerar o contraste entre o que é necessário e o que não é como a matriz para uma metafísica da contingência. A contingência como uma personagem central mas não única do concreto significa que ela em alguma medida deve conviver com o necessário, ao invés de reduzi-lo. Bensusan pensa essa convivência como uma espécie de efeito Doppler, de modo que as coisas persistiriam apenas em relação a coisas que não. Para desenvolver essa ideia, ele faz um uso ontológico dos conceitos biopolíticos de *communitas* e *immunitas* (Roberto Esposito) e de *arché* como começo e comando (Giorgio Agamben). Sintetizando a explicação de Bensusan, temos o seguinte. *Communitas* e *immunitas* derivam de *munus* (tarefa, lei, dever): *communitas* refere-se a estar ligado a uma *munus* recíproca, ao passo que *immunitas* se refere a estar fora do escopo de qualquer *munus*, fora de alcance para qualquer interferência da *communitas*. Enquanto a *communitas* envolve abertura a outros, a colocação em jogo (no sentido da expressão de Bataille “*mise en jeu*”), estar *up for grabs*, a *immunitas* está ligada à necessidade, àquilo que não está sob a influência de outros. Mas, e aqui está um ponto importante, aquilo que está sob uma necessidade está imune, porém não aquilo que impõe a necessidade, uma vez que essa imposição da

4 Ibidem, p. 202. Tradução minha.

5 Ibidem, p. 202. Tradução minha.

6 Ibidem, p. 202. Tradução minha.

necessidade não é feita pela necessidade mesma. Trata-se de algo semelhante ao *automaton* aristotélico, isto é, a transformação que não ocorre nem devido à *physis*, nem à *techné* – uma transformação não governada, abandonada a si mesma, *up for grabs*. Assim, ao contrário de um simples contraste entre o necessário e o não necessário, os conceitos de *communitas* e *immunitas* permitem pensar graus de imunidade e portanto de contingência. Com efeito, se o que impõe a necessidade não está imune, então a imunidade só pode ser entendida em termos de processos de imunização, noção que Bensusan aproxima da *instauration* de Étienne Souriau e da metaestabilidade de Gilbert Simondon. Graus de imunidade seriam efeitos de patrocinadores (*sponsors*).

Na parte inicial do capítulo 2, Bensusan recorre à reflexão de Agamben sobre a *arché*. De acordo com o autor, Agamben pensa a noção de *arché* a partir dos dois sentidos originais do termo: começar e comandar. A soberania de um comando está ligada a sua capacidade de começar algo novo, de não simplesmente continuar um comando já dado. Segundo Bensusan, esse aspecto de começo do comando o coloca *up for grabs*. Mas o *up for grabs* também está na obediência que o comando deve encontrar, uma vez que não há obediência sem o comando. Em outras palavras, a obediência não está dada, mas sim envolve uma resistência. Assim como com os conceitos de Esposito, temos novamente aqui o efeito Doppler: as coisas somente persistem com relação às que não persistem.

Bensusan chega então a um momento-chave do livro, que exponho aqui de maneira sintética. Ele cita Agamben e sua distinção entre dois tipos de ontologias a partir dos dois sentidos entrelaçados de *arché*: a do ser e a do fazer ser. Essas duas ontologias, que também se entrelaçam, correspondem aos sentidos da *arché* como comando e começo. A primeira centra-se no comando enquanto obediência a ele; a segunda, no começo enquanto o exercício de um comando. Presas dessas maneiras a esses sentidos da *arché*, essas ontologias confundem pensar o mundo com pensar o que o rege. Porém, essas duas ontologias estão ligadas à noção de *arché* como origem dominante. Elas focam-se na *arché* enquanto tal e não no *up for grabs* da *arché* enquanto começo. Bensusan, seguindo o Heidegger de *Uber den Anfang*, distingue entre inícios e origem, entre inícios e dominância legítima. O que inicia um comando está *up for grabs*, uma vez que um início, enquanto tal, não pode estar no escopo de nenhuma regra. Se pensamos que inícios são primeiros, antecedentes (*prior*), os colocamos em uma ordem temporal, lógica ou de governo; em suma, no escopo da regra, isto é, pensamos inícios como origens. Assim, inícios têm primazia, e não prioridade (*priority*). Inícios, portanto, estão desconectados do que governa e do que é governado.

Bensusan parece aqui romper com o procedimento transcendental em sua metafísica. O efeito Doppler entre arché e a an-arché do início não deveria, dessa maneira, ser confundido com pensar a an-arché como condição transcendental da arché, uma vez que assim estaríamos colocando a an-arché novamente no escopo da regra. Para o autor, a ideia de que inícios são origens, dominâncias legítimas, é uma ideia entranhada e difícil de se livrar. Como ele coloca na boca de um contrafactual Heráclito: “[...] a ligação com archés surge de um interesse no controle [...]”;⁷ “[...] Não estou descrevendo o subterrâneo das coisas; estou antes inserindo subterrâneos embaixo delas”;⁸ e “[...] eu não falo sobre uma ontologia do que é deixado solto. Falo, antes, sobre o que, na ontologia, deixa as coisas soltas”.⁹

Being up for grabs coloca-nos aqui diante de um pensamento cujo impacto é avassalador. Ontologia e política são entrelaçadas de tal modo que podemos passar a suspeitar que nosso interesse mesmo em ontologia seja fruto de uma vontade de controle. Nosso aparato conceitual disponível para o pensamento ontológico revela-se, aliás, drasticamente impregnado de arché quando nos deparamos com a dificuldade de pensar inícios fora de uma ordem lógica, temporal ou de governo. Dessa maneira, o uso por Bensusan de conceitos biopolíticos mostra-se nada arbitrário. A primazia da contingência rompe as fronteiras artificiais da ontologia colocadas pela primazia do necessário.

Os inícios, no entanto, são para Bensusan apenas uma das maneiras pelas quais a an-arché se mostra. Ela também pode ser vista na fricção entre archés, que ocorre quando há resistência ao comando; e no vazio decorrente da ausência de archés. A metafísica do contingente, com efeito, ao contrário das metafísicas da substância, não pode, segundo o autor, ser pensada de uma única maneira. Cada uma dessas maneiras é um modo de ver a an-arché, ou uma ontoscopia, ou, como diz seu Heráclito contrafactual, o que na ontologia deixa as coisas soltas, *up for grabs*. A fricção entre archés corresponde à ontoscopia da monadologia de fragmentos; o vazio da ausência de archés, à da ontologia de dúvidas; o que se inicia quando algo tenta emular outra coisa, à da ontologia orientada a ritmos.

A monadologia de fragmentos, desenvolvida no capítulo 3, deixa claro que a primazia do contingente não significa uma linha de base (*baseline*) para

7 Ibidem, p. 84. Tradução minha.

8 Ibidem, p. 88. Tradução minha.

9 Ibidem, p. 88. Tradução minha.

todo o resto, ou uma metafísica da contingência total. Ela é uma monadologia no sentido de que: i) é uma ontologia plana; ii) a percepção está por todo lugar; iii) há entidades por trás de tudo; iv) não há atualidades vazias; e v) não há substratos. Como as monadologias processuais de Latour e Whitehead, ela não é nem um pluralismo prioritário, uma vez que cada parte tem partes, e nem um monismo prioritário, uma vez que tudo é parte. Portanto, não é uma monadologia da harmonia pré-estabelecida, uma vez que não há um todo ao qual tudo se submete. Bensusan concebe suas mônadas como triúnas: os fragmentos, que são partes mas não de um todo, nem como componentes últimos, são portanto também composições, além de compositores, pois não há uma matéria inerte que é composta, não há uma harmonia pré-estabelecida. Assim, *assemblages* imunizadas são metaestáveis e estão sujeitas a perturbações, a interferências, isto é, à fricção entre archés que nos faz entrever a an-arché. Esse caráter triúne nos mostra que não há uma *baseline* porque não há um ponto de partida transcendente: a monadologia de fragmentos é um ponto de vista imanente a respeito da primazia da contingência.

A ontologia de dúvidas (capítulo 4) é aquela que é propriamente orientada a questões, entendidas em um sentido aproximado da *epoché* cética. É o resultado de uma confrontação entre os ceticismos de Sexto Empírico e de Enesidemo. De maneira resumida, Enesidemo, por um lado, deveria aceitar a acusação de Sexto de que ele é dogmático ao afirmar que determinações e indeterminações existem no mundo (afirmação que pode ser entendida como uma maneira de acolher argumentos contra o ceticismo global); por outro, Sexto deveria abrir mão de postular um mundo de determinações e não mais deixar as indeterminações confinadas ao pensamento. O que resulta seria uma posição que não admite territórios fixos para as dúvidas: o tabuleiro (*board*) de determinações e indeterminações não se restringe ao mundo, nem a uma distribuição fixa entre mundo e pensamento. A ontologia de dúvidas é uma ontoscopia transcendente, uma vez que faz uso de argumentos constitutivos: o tabuleiro mesmo não está *up for grabs*.

A ontologia orientada a ritmos (capítulo 5) é uma ontologia de eventos, em que eles são pensados enquanto batidas e intervalos, à maneira da repetição deleuziana. O que resulta, sem entrar aqui em pormenores, é uma ontologia sem o viés visual de que há algo que se mostra e algo que se esconde: uma dermatologia especulativa no sentido deleuziano, em que superfícies são arrastadas (*entrained*) por contágio, por repetição de batidas, que ocorrem em uma paisagem sonora (*soundscape*), ao invés de uma paisagem visual (*landscape*). Essa ontoscopia é imanente, uma vez que não há uma superfície

ontologicamente privilegiada que faz todas as outras serem o que são. Ao contrário da monadologia de fragmentos, a ontologia orientada a ritmos não é baseada em agentes, mas centrada em operações e processos, como na ontologia de Deleuze e na de Simondon.

No último capítulo, Bensusan trata das galáxias de mundos possíveis já mencionadas acima. Também faz uma estereoscopia, uma comparação das três ontoscopias, cujos resultados incluí nas breves exposições acima sobre as ontoscopias. Além disso, enfatiza o caráter plural de sua primazia da contingência; com efeito, a anarque-ologia, sendo o estudo do não governado, nos abre “[...] um espaço comum onde há encontros genuínos com o que vem de uma direção diferente”.¹⁰

Embora o autor conceba sua primazia da contingência como um exercício especulativo no sentido de Whitehead¹¹, o que o livro nos apresenta não é nada menos do que um novo uso da especulação, que abre caminhos para além do Realismo Especulativo em direção a um pluralismo de pensamentos que usa a filosofia sem absolutizá-la. Para Whitehead¹², a especulação era a maneira de evitar os dois tipos de exagero (*overstatement*) filosófico: o que simplesmente se limita a instanciar uma generalização, e o que pretende começar desde princípios gerais. Com efeito, a generalização especulativa permitiria, por um salto da imaginação, estabelecer distinções inacessíveis ao primeiro tipo de exagero, bem como tratar princípios gerais como pontos de chegada, e não de partida. Segundo Whitehead, o que nos impede de chegar a princípios gerais últimos são simplesmente os limites da imaginação. Em *Being up for grabs*, ao contrário, trata-se precisamente de pensar sem princípios gerais, seja como ponto de partida, seja como ponto de chegada: trata-se de uma anarqueologia. As ontologias são usadas, portanto, não como uma sucessão progressiva em direção aos princípios gerais, mas como ontoscopias que nos permitem entrever a an-arché. Toda generalização especulativa aqui gera uma ontoscopia, de modo que não há, ao contrário de Whitehead, um ideal de adequação a ser buscado pela generalização. Com efeito, a an-arché não é um transcendental, uma vez que não governa. Pensar a primazia do contingente por meio de ontoscopias significa, portanto, um pluralismo radical, não prioritário, uma igualdade de pensamentos que é atingida por

10 Ibidem, p. 205. Tradução minha.

11 Ibidem, p. 28.

12 Cf. Whitehead, A., *Process and reality: an essay in cosmology*. New York: The Free Press, 1979.

meio de ontologias, ou filosofias, enquanto ontoscopias. Diferentemente de François Laruelle, que se esforça para colocar a filosofia no mesmo plano de outros pensamentos a partir de uma não-filosofia¹³, Bensusan o faz simplesmente tratando filosofias como ontoscopias. Aliás, a orientação a questões também é apenas uma das ontoscopias: ela se baseia em argumentos (céticos) e, portanto, em alguma arché, que no entanto permite um vislumbre da an-arché no tabuleiro de determinações e indeterminações. Podemos dizer então que não se trata apenas de fazer uma ontologia não orientada a problemas, mas uma ontologia não orientada a si mesma, ontologias anarqueológicas, ou ontologias enquanto ontoscopias. Por fim, está clara também a diferença entre a anarqueologia especulativa e o realismo especulativo: enquanto esse último concentra-se em se desprender da correlação sujeito-objeto, o foco de Bensusan é livrar-se dos grilhões da arché.

Uma das qualidades da obra que mais saltam aos olhos é conseguir tratar de um tema intrinsecamente difícil, uma vez que se coloca na contramão de arraigados hábitos de pensamento, sem que isso implique uma leitura arrastada, cheia de percalços. Seja quando abala nossas pressuposições sobre o que significa fazer ontologia, seja quando transita por autores de diferentes tradições filosóficas, *Being up for grabs* é tão fluido, claro e conciso que só saímos da completa imersão na leitura quando, perplexos, nos damos conta do quanto está sendo *colocado em jogo* em suas páginas.

Referências

- BENSUSAN, H. *Being up for grabs: on speculative anarchoeology*. London: Open Humanities Press, 2016. Disponível em: <http://openhumanitiespress.org/books/download/Bensusan_2016_Being-Up-For-Grabs.pdf>. Acesso em 9 set. 2018.
- BRASSIER, R. et al. Speculative Realism. *Collapse*, v.3, n.1, p. 307-449, nov. 2007.
- LARUELLE, F. *Philosophies of difference: a critical introduction to non-philosophy*. Trad. de Rocco Gangle. London: Continuum, 2010.
- WHITEHEAD, A. *Process and reality: an essay in cosmology*. New York: The Free Press, 1979.

13 Cf. Laruelle, F. *Philosophies of difference: an introduction to non-philosophy*. Trad. de Rocco Gangle. London: Continuum, 2010.